



CARTA MENSAL

Colégio Brasileiro de Genealogia

Ano XXVI - Carta Mensal Especial Nº 114 - Julho 2013

POSSE DE TITULAR

No dia 11 de junho, terça-feira, ocorreu a cerimônia de posse de mais um novo Titular. O evento teve lugar na Sala Pedro Calmon, 12º andar da Av. Augusto Severo 8, Rio de Janeiro, endereço que o CBG partilha com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB.

Eleito na Assembléia Geral Extraordinária de 5 de outubro de 2009, juntamente com outros seis confrades, **Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Junior** tornou-se então o quarto do grupo a ser empossado, assumindo formal e solenemente a Cadeira nº 25, Patrono Ary Florenzano, em meio a verdadeiro ambiente de celebração.

Foram componentes da Mesa, além da Presidente Regina Cascão Viana, os Srs. **Victorino Coutinho Chermont de Miranda** – 1º Vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB e Conselheiro Fiscal CBG, e Fernando Tasso Pires Fragoso – Diretor Tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro – IHGRJ, representando seus respectivos institutos.

O evento foi bastante prestigiado, com a Sala Pedro Calmon tomada por diretores e associados CBG, além de muitos familiares e amigos. A assistência era, enfim, composta por amigos e admiradores do novo Titular, que se encontrava tão alegre quanto os que estavam à sua volta.

Apresentou-o em especial saudação o também Sócio Titular – Cadeira nº 20, **Roberto Menezes de Moraes**, seguindo-se a alocação do diplomado, de elogio ao Patrono e ocupantes anteriores de sua Cadeira. Ao fim de suas palavras, houve a assinatura no Livro de Posse e a entrega de diploma comprobatório, pelas mãos de outro Titular que, a exemplo do primeiro orador, acolheu prontamente o convite feito por Fernando Jannuzzi para partilhar o especial momento: **Roberto Guião de Souza Lima** – Cadeira nº 1.



Note-se uma curiosidade: o novo Titular Jannuzzi teve como participantes em destaque, a seu convite, coincidentemente dois Robertos, ambos vindos de outras cidades – Niterói e Volta Redonda, para prestigiar o amigo e companheiro.

Terminada a cerimônia, todos os presentes foram convidados a comparecer ao terraço, onde, cercados pela magnífica vista panorâmica, participaram de um festivo coquetel oferecido pelo empossado.

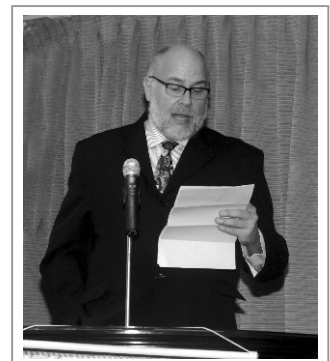
Com alegria, o Colégio registra o evento nesta Edição Especial de seu boletim, com imagens e transcrição dos discursos proferidos na solenidade.

SAUDAÇÃO – ROBERTO MENEZES DE MORAES

Senhoras, Senhores,
Senhora Presidente,
Caro Fernando Jannuzzi,

Não delira quem vê no ser humano uma caixa de memórias e lembranças. Caixa hermética e indevassável. Tanto é assim que por mais que a modernidade traga consigo as mais avançadas tecnologias, o que vai dentro de cada um é de acesso exclusivo do sujeito, só a ele é dado conhecer suas emoções, lembranças, conhecimentos.

Nem vai nisso novidade alguma, pois essa é a tragédia da solidão existencial, a que Pedro Nava se refere quando discorre com sua peculiar maestria:



“a solidão é nossa essência, nosso caráter, nossa condenação, nosso destino e nossa grandeza. Mal paridos, a interrupção circulatória do cordão umbilical a dentes pelos animais inferiores, a golpe de sábia tesoura pelo ser humano – nos exila para todo o sempre. Na infância, na mocidade pela amizade falível e pelo amor passageiro – temos a ilusão de que estamos acompanhados, quando apenas somos gregários para mais seguramente exercemos o egoísmo a tirania, a opressão ou, passando ao polo oposto e virando de malho em bigorna, aguentarmos dos outros aqueles exercícios em nossa pele. Tudo isso é serviço prestado ao homem para mostrar-lhe o que é o mundo e a ilusão de mundanidade e do mundanismo. Não há companhias. Há solidões que se acompanham, que se toleram, que se repelem...”

Não obstante o isolamento, apanágio dessa individualidade aparentemente intransponível, o homem é um ser social. Nunca existiu um homem que tenha decidido se reunir em grupos para conjurar sua solidão: desde o momento em que se entende o homem com um ser cultural, com suas aspirações enquanto representante de uma espécie, acrescidas de suas indagações filosóficas, já é evidente a sua condição gregária; sua existência em sociedade é anterior à sua individualidade.

Na Europa medieval, registram os historiadores, os homens abriam suas caixas de memórias nos serões à volta das lareiras para contarem uns aos outros os fatos e feitos dos notáveis, de maneira que aí começou também o despertar para as histórias biográficas e genealógicas que nos tocam mais diretamente. E quem se debruçar sobre o saber genealógico, de pronto percebe o quanto são imprescindíveis lembranças e memórias de terceiros. O fazer genealogia necessita não só dos vivos, mas da leitura que têm estes dos mortos a envolvê-los, que dão sentido ao seu presente, necessita do encadeamento das gerações.

Genealogia também sobrevive do calor humano que a pesquisa pode encetar no convívio entre o pesquisador e seus muitos parentes. E foi na busca desse calor fraternal, da necessidade atávica do indivíduo de se agregar a outros com interesses semelhantes ao seu, que surgiu há mais de seis décadas passadas o Colégio Brasileiro de Genealogia, era a época em que a cidade do Rio de Janeiro estava nas vésperas das comemorações dos quatrocentos anos de sua fundação, momento excelente de lembrar os fundadores da cidade, e de ver quem deles então eram os descendentes.

Hoje é dia de festa no Colégio Brasileiro de Genealogia, instituição onde se desenvolve este saber, porque estamos reunidos para empossar Fernando Jannuzzi Junior como sócio titular da cadeira número 25 que tem como Patrono o genealogista (na perfeita definição da palavra) Ary Florenzano, um dos grandes nomes do resgate genealógico das famosas e lendárias ilhoas mineiras, de quem o Fernando Jannuzzi também é descendente, assim como integra esta grande e contável parentela brasileira, o sócio a quem sucede, Luiz Gonzaga Nunes.

Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Júnior nasceu em 30 de maio de 1970 na cidade fluminense de Valença, cidade da qual tenho ancestrais fundadores, Fernando desde cedo se interessou pela gente povoadora deste local.

Eu, pesquisando há muitos anos passados, na igreja matriz de Valença, lembro ter visto o seu vulto magro e adolescente, de olhar inteligente e fugaz, que chegou à porta da sacristia onde eu estava sentado copiando assentos dos livros paroquiais, para dar uma olhada distante no forasteiro como qual se deparou, a invadir o seu espaço, espaço do qual era senhor e mestre. O Fernando, eu lembro bem, olhou e sumiu na mesma hora... Eu o reconheceria alguns anos depois, época em que ele apareceu no Colégio Brasileiro de Genealogia, e estava lá nosso falecido e muito querido Waldyr Cordovil, também de origens valencianas, a quem Fernando surpreendeu ao discorrer com dados muito acertados sobre as famílias Cordovil Pires e Guião, das quais Waldyr descendia, e pouco ou quase nada sabia. Isso foi o quanto bastou para que Waldyr e o então presidente do CBG Paulo Carneiro da Cunha, ao ficarem surpresos com os conhecimentos do jovem pesquisador valenciano, comesçassem a me exprobar e alfinetar com muita picardia, “quem sabe mesmo a genealogia de Valença é o Fernando”.

Eu nunca tive a pretensão de dominar nenhum saber, nem mesmo as genealogias das cidades do sul fluminense onde tenho ancestrais, mas como andei pesquisando aquilo tudo, fiquei curioso ao ser instigado pelos dois, Cordovil e Carneiro da Cunha, que queriam mesmo era me gozar e me ver irritado, desgastado com o surgimento do jovem genealogista, “que me tinha tirado o lugar de genealogista da região”. Eu “já era”, afirmava de forma eloquente o Waldyr Cordovil!!! Assim, não sei o que falaram para o Fernando, mas o fato é que ele acabou por me telefonar e aparecer numa tarde, no local de meu trabalho para me conhecer e conversar, fato que ensejou a nossa convivência amiga desde daquela época em que ele tinha 23 anos de

idade. Poderia ter sido antes, se ele não tivesse sido arisco, e falado comigo naquele dia lá na Matriz na Valença, o que hoje não importa, já que do destino ninguém foge. E foi assim que desde sempre então, eu tenho sido testemunha de como é justo que ao Fernando lhe seja reconhecida a posição de genealogista notável de nossa era, e digno de que lhe seja hoje, muito justamente, dada a posse da cadeira que perpassa o mote genealógico das lendárias Ilhoas.

Para ser eleito sócio titular, é uma condição estatutária exigida, que o candidato tenha uma obra de cunho genealógico publicada. Fernando Jannuzzi Júnior já tem publicado diversos trabalhos na imprensa de sua cidade natal, em jornais e revistas, mas ele deve à sua cidade, a seus parentes, ao Colégio, e à genealogia nacional, em especial a fluminense, a publicação em volumes das diversas genealogias de famílias valencianas de sua autoria, que ainda estão inéditas, e das quais eu tenho cópias em minha coleção particular. Será admirável o que um dia certamente teremos quando ele se animar a trazer à luz estas suas pesquisas de toda vida.

O Colégio Brasileiro de Genealogia é a casa fundada por Carlos Rheingantz, nosso presidente vitalício. Rheingantz era um homem caloroso, bem nascido, generoso, hospitaleiro e fiel com os amigos, qualidades que encontramos também no Fernando Jannuzzi Júnior. Carlos Rheingantz e o Fernando, eu posso afirmar, sem chance de erro, que iriam se admirar, respeitar e estimar muito!!!

Amigos talvez na mesma intensidade como ele vendo sendo, já há tantos anos, da amiga especialíssima que Carlos Rheingantz estimava sobremaneira, e quem o Fernando reivindicou como herança de amizade de Rheingantz para si, com primazia e dedicação: a querida Dona Gilda Becker von Sothen, sócia titular e a derradeira lembrança do espírito que norteou a fundação do Colégio Brasileiro de Genealogia. Acho que esse é o melhor reconhecimento que se pode fazer ao Fernando, lembrar esta ponte entre ele e a memória de Carlos Rheingantz, que em uma frase que muito usava, decerto definiria e reconheceria o Fernando Jannuzzi Junior: *"pode-se espremer que tem bom caldo!!!"*

Uma cadeira de sócio titular como esta que hoje toma posse Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Junior é também por sua vez, o reconhecimento por seus pares em genealogia, para toda a sua vida, de que ele possui a excelência do saber que é o vital combustível para manter aceso o fogo que aquece e ilumina a nós todos, hóspedes de Carlos Rheingantz!

Ao dar posse ao novo titular nesse ato solene, o Colégio Brasileiro de Genealogia reconhece que uma instituição com a estrutura com que esta nossa aqui foi organizada, que doravante o Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Junior será, até ser substituído pela sua morte ou formal desistência, elemento indispensável para a vida da instituição. A mística das instituições como o Colégio Brasileiro de Genealogia sobrevive nos ritos das eleições e sucessões de seus sócios elevados à categoria de titulares. Nesse momento eu gostaria de lembrar os nomes de dois ex sócios titulares do Colégio Brasileiro de Genealogia, Francisco Tomasco de Albuquerque e Arthur Virmond de Lacerda Neto que foram tratados com uma quebra desta mística...

Lastimo em verdade, não estarem aqui presentes os sócios Paulo Carneiro da Cunha, Waldyr Cordovil, Frieda Wolff, José Gabriel Calmon da Costa Pinto, Roberta Macedo Soares, Donato Mello Junior, Teresinha de Moraes Sarmiento, já falecidos e que tinham em tempos de suas vidas, admiração, carinho e amizade pelo Fernando. A morte de cada um destes selou e confirmou estas admirações e amizades. Eles vibrariam de ver você hoje aqui, Fernando!!!

Então que o Fernando possa permanecer na sua cadeira por todo tempo de sua vida e enquanto existir o Colégio Brasileiro de Genealogia, que se espera sobreviva para o futuro, pelo encadeamento das legítimas e democráticas substituições de seus sócios titulares, e que assim se conserve acesa a chama da genealogia como elemento capaz de agremiar os vindouros, de maneira que o velho chavão de que "os homens passam, mas as instituições ficam" seja aqui também uma boa realidade.

Que o Fernando possa ajudar a manter sempre vivo e florescente o Colégio Brasileiro de Genealogia, ele é um dos poucos titulares, talvez o único no momento, que poderá, ainda que bem velhinho, estar presente nos festejos do centenário de nossa instituição.

Seja então Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Junior, bem-vindo, e por muito tempo, ao seu lugar!!!

Cadeira nº 25

Patrono: Ary Florenzano

Ocupante anterior: Luiz Gonzaga Nunes

ILUSTRÍSSIMA SRA. PRESIDENTE DO COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA, PREZADOS CONFRADES, QUERIDOS PARENTES E AMIGOS:

Inicialmente agradeço as belas e emocionantes palavras do meu confrade e amigo, Roberto Menezes de Moraes, um dos maiores genealogistas do país, que certamente foram ditadas pelo coração.

Agradeço, também, aos Sócios Titulares do Colégio Brasileiro de Genealogia, que sob a presidência de outro grande genealogista, Carlos Eduardo Barata, me distinguiram com a honrosa eleição para Sócio Titular da Cadeira 25. Agradeço, ainda, à atual diretoria do Colégio Brasileiro de Genealogia, que sob a presidência produtiva da genealogista Regina Cascão, incentivou e possibilitou esta posse.

Finalmente, agradeço a todos os presentes, confrades e amigos, que compartilham comigo este momento tão importante da minha vida.

Antes de saudar o titular da Cadeira 25 do Colégio Brasileiro de Genealogia, Ary Florenzano, e o seu ocupante anterior, Luiz Gonzaga Nunes, gostaria de destacar três pontos.

O primeiro é lembrar quão árdua era a pesquisa na era pré-computadores e internet, quando se anotava à mão e não tínhamos genealogias constantemente atualizadas, acervos digitalizados e as facilidades do Google.

Quem, como eu, pesquisou no interior dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, sabe como éramos reféns da boa vontade de párocos, tabeliães e bibliotecários, que, sempre desconfiados dos nossos reais interesses, utilizavam-se de vários subterfúgios para limitar, ao máximo, nosso acesso aos livros de registros e material sob sua guarda.

Em Valença e São João Del Rei, foi somente graças às minhas conexões familiares e a algumas artimanhas, que consegui levar a termo a pesquisa desejada. Na Biblioteca Municipal de São João Del Rei, por exemplo, para poder consultar alguns livros que adormeciam trancafiados em uma bela estante, aproveitei uma deixa do bibliotecário, que invocou meu parentesco com o Marechal Coelho dos Reis, único sanjoanense a possuir esta patente na República e íntimo do Marechal Castello Branco, para insinuar uma ligação próxima com o primo, quando, na realidade, só soubera da sua existência naquele mesmo dia pela manhã... Bastou esta deixa para as portas da estante abrirem-se à minha curiosidade.

E isso sem contar as dificuldades de locomoção, hospedagem, comunicação, etc. Ou seja, tudo contribuía para se desistir da empreitada!

Assim, quando me deparo com as pesquisas realizadas por Ary Florenzano e Luiz Gonzaga Nunes, muitos anos antes das minhas, fico fascinado com a tenacidade de ambos e a extensão da sua contribuição para a moderna genealogia brasileira.

O segundo ponto que gostaria de realçar é a abordagem das pesquisas destes genealogistas, que não se detém nas famílias ditas importantes, tão usual em seus contemporâneos, mas em "*gente boa, honesta e trabalhadora*", como ressalta Ary Florenzano na introdução do seu artigo "*Genealogia Mineira: Taveiras*", publicado no Anuário Genealógico Latino, ou no resgate da memória familiar, refletida na vasta obra publicada por Luiz Gonzaga Nunes.

E o terceiro ponto é a coincidente ligação que possuo com os dois genealogistas.

Como consta de "*Inacio Franco: Um Ramo Inédito das Três Ilhoas*", de Marta Amato e Douglas Fazolatto, eu descendo de Antonia Maria da Graça, uma das célebres irmãs que passaram à história como as "*Três Ilhoas*", e Ary Florenzano dedicou mais de vinte anos a pesquisar a descendência destas irmãs, como destaca o autor José Guimarães, na introdução da sua obra clássica "*As Três Ilhoas*".

Aos menos familiarizados com a matéria faço aqui um esclarecimento sobre essas "*Três Ilhoas*", as irmãs Antonia da Graça, Júlia Maria da Caridade e Helena Maria de Jesus. Nascidas na Freguesia de N.S. das Angústias, Ilha do Faial, Arquipélago dos Açores, emigraram para o Brasil e se radicaram em Minas Gerais, na região do Rio das Mortes, no início do século XVIII e "*são antepassadas da mais admirável concentração de titulares do Império que temos visto até hoje, e de grandes fazendeiros, ministros desde o Império até ao governo de Lula da Silva, grandes beneméritos, intelectuais, financeiros e até presidentes da Academia Brasileira de Letras e da Academia*



Brasileira de Ciências”, nas palavras de Jorge Forjaz e Antonio Ornelas Mendes em “Genealogias das Quatro Ilhas”.

Com Luiz Gonzaga Nunes a ligação é sanguínea, já que possuímos o mesmo ancestral comum na pessoa do casal Sargento-mor Lourenço Correa Sardinha e Maria da Assumpção Moraes, ele português e ela descendente de antigos troncos paulistas, que viviam na então Vila de São João Del Rei em meados do século XVIII.

Quem realizou pesquisas genealógicas em Minas Gerais certamente ouviu falar muito de Ary Florenzano.

Nascido em Lavras, em 22 de maio de 1894, Ary Florenzano recebeu a instrução básica da época e iniciou sua vida profissional como caixeiro viajante. Posteriormente foi escrivão interino do Cartório do 1º Ofício, avaliador judicial, inspetor escolar, fiscal e escriturário da Prefeitura de Lavras. Paralelamente a esta trajetória de pacato funcionário público do interior de Minas Gerais, Ary Florenzano desenvolveu um profundo interesse pela genealogia.

Abro aqui um parêntese para observar que ao longo da história foram vários os baluartes da nossa cultura que, amparados pela segurança do serviço público, puderam desenvolver sua produção intelectual, como é o caso dos mais conhecidos deles, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.

Assim, através de exaustivas pesquisas, Ary Florenzano se tornou um especialista da genealogia mineira, fonte de referência para diversos pesquisadores. Na década de 1940, quando a cidade de São Paulo estava à frente dos estudos e das publicações genealógicas, a edição do Correio Paulistano, de 30 de março de 1940, denomina Ary Florenzano de *“genealogista e historiador mineiro dos mais ilustres”*.

Ary Florenzano publicou: - *Certidões Mineiras*, complementação e ampliação da Genealogia Paulistana de Silva Leme, na Revista do Instituto de Estudos Genealógicos/IEG 3/6, 1938/9; - *Genealogia Mineira – Paiva e Silva*, na Revista Genealógica Brasileira 1, 1940; - *Descendentes de Amador Bueno, o aclamado “Rei de São Paulo”*, no Anuário Genealógico Brasileiro VI, 1944; e, - *Genealogia Mineira: Taveiras*, no Anuário Genealógico Brasileiro VIII e X, 1946 e 1948.

Elaborou, ainda, um códice com notas ao original, intitulado *Apontamentos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João Del Rei a partir de cópia do original por Samuel Soares de Almeida*, que se encontra no arquivo da Biblioteca Nacional.

Postumamente, teve parte de suas pesquisas publicadas pela genealogista Marta Amato, em *“Povoadores dos Caminhos do Ouro - Genealogia das Minas Gerais”*, sendo de sua autoria os denominados Título Carvalho Ferreira, Título Faria (Domingues de Faria e Faria Neves), Título Gonçalves Ferreira e parte do Título Guyeiros (Lemos) e do Título Seixas Ribeiro.

Em 14 de julho de 1957, foi eleito sócio correspondente do Colégio Brasileiro de Genealogia e em 18 de agosto de 1988 teve seu nome indicado para patrono da Cadeira 25 desta instituição.

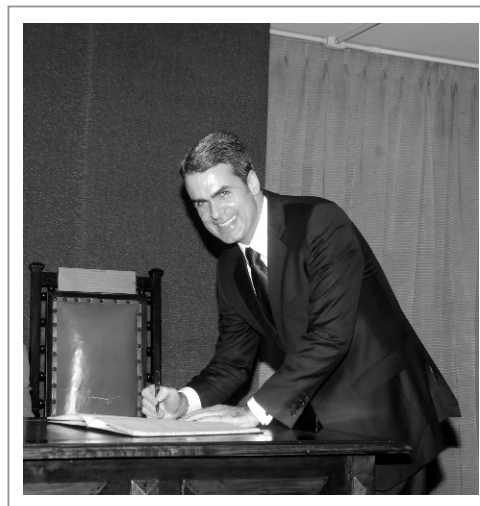
Após sua morte, seu acervo foi adquirido pelos sócios do Colégio Brasileiro de Genealogia, Luiz e Vera Valente, de Campinas.

Em 28 de julho de 2009, a Prefeitura Municipal de Lavras encaminhou à Câmara Municipal daquele município o Projeto de Lei Nº 034/2009, autorizando a instituição do Arquivo Público Municipal de Lavras, sob a denominação de *“Ary Florenzano”*, em *“justa homenagem àquele que cuidou com dedicação de documentos”* que integrariam o mencionado arquivo.

Passemos agora a Luiz Gonzaga Nunes, que nasceu em Caxambu, Minas Gerais, em 12 de junho de 1916, filho de Jorge Leite Nunes e Antonieta Utsch de Carvalho, sendo descendente, pela linha paterna da família Leite Ribeiro.

O casal Sargento-mór José Leite Ribeiro, português que foi grande minerador de ouro na região do Rio das Mortes, e Escolástica Maria de Jesus, natural de S. João del Rei e descendente de antigos troncos paulistas, originou uma das mais importantes famílias brasileiras, que teve, através dos seus diversos ramos, dentre os quais os Teixeira Leite, papel fundamental no desbravamento, povoamento e cultivo do café no Vale do Paraíba.

Diplomado pela Faculdade Brasileira de Comércio de Belo Horizonte e pela Faculdade de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais, Luiz Gonzaga Nunes ingressou por concurso no IAPI – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, onde fez sua carreira profissional.



Graças às suas arraigadas tradições familiares, muito cedo se interessou pela genealogia, como esclarece na introdução de "Os Leite Pinto": *"Desde criança sempre tive interesse em conhecer nossos antepassados. Ficava deveras atento aos contos que papai e vovó Maricota [Maria Jesuina Leite Pinto, bisneta de José Leite Ribeiro] contavam. Mas não tive idéia de anotá-los todos e por isso se perderam na quase totalidade. Salvei apenas alguns nomes dos meus antepassados que tive o cuidado de anotá-los no devido tempo e mais pouca coisa retida na memória. Depois vieram os estudos, a luta pela vida, a constituição da família, criação e educação dos filhos, o tempo foi passando. Chego agora ao fim da vida e vejo que a memória da família estava se perdendo. Já aposentado, com os filhos criados, pude enfim dedicar-me de corpo e alma ao assunto"*.

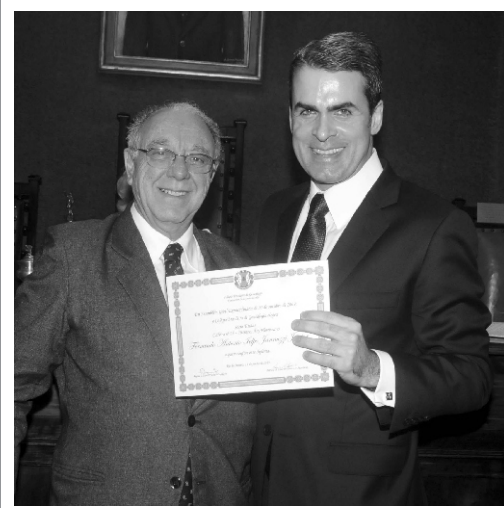
Em sua longa e profícua trajetória como genealogista, Luiz Gonzaga Nunes publicou, dentre outros: - Família Nunes; - Os Utsch no Brasil; - Família Carvalho; - Os Leite Pinto; - Os Guizzardi e os Oliveira Bastos; e, - Azeredo Coutinho – Ramo de Sabará.

Eleito para Sócio Titular da Cadeira 25 do Colégio Brasileiro de Genealogia, recentemente, devido a sua avançada idade e ao conjunto e importância de sua obra, por deliberação da Diretoria Luiz Gonzaga Nunes migrou para o Quadro de Sócios Honorários.

Para encerrar, ocorre-me mencionar o que se conclui destas breves apreciações sobre a vida e obra de Ary Florenzano e de Luiz Gonzaga Nunes.

Eles integram, a meu ver, o seletto grupo daqueles que, pela qualidade e extensão de suas pesquisas, entendem a genealogia como "ciência que tem por objeto a pesquisa da origem e da filiação das famílias", na clássica definição do Dicionário do Aurélio. Não como uma perda de tempo com conhecimento inútil...

Obrigado!



REMETENTE



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
www.cbg.org.br

EXPEDIENTE

Boletim Informativo
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2221-6000

Diretoria:	Presidente	Regina L. Cascão Viana
	Vice-Presidente	Carlos Eduardo de Almeida Barata
	1º Secretária	Patrícia de Lima Bocaiúva
	2º Secretária	Eliane Brandão de Carvalho
	1º Tesoureiro	Antonio Cesar Xavier
	2º Tesoureiro	Guilherme Serra Alves Pereira
	Dir. Publicações	Leila Ossola
	Auxiliares	Cinara Maria Bastos J. A. do Nascimento Clotilde Santa Cruz Tavares Eliana Quintella de Linhares Gilson Flaeschen Laura de Saint-Brisson Ferrari
Conselho Fiscal:		Hugo Forain Junior Roni Fontoura de Vasconcelos Santos Victorino C. Chermont de Miranda

Dias e horários de funcionamento:

2ª-feira de 13 às 17 horas / 3ª-feira de 14 às 17 horas

Página: www.cbg.org.br

Email: cbg@cbg.org.br

Diagramação: Escala Serviços de Informática

Impressão: Letras e Versos

DESTINATÁRIO

IMPRESSO